

Moradores e usuários da Reserva Mamirauá promovem XIX Assembleia Geral



Foto: Marco Lopes

Cerca de 200 pessoas participaram da XIX Assembleia Geral da Reserva Mamirauá. O evento, organizado pela Associação de Moradores e Usuários da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (Amurmam), aconteceu entre os dias 22 e 24 de março, na comunidade Vila Barroso, município de Uarini (AM), com apoio do Instituto Mamirauá.

Entre os assuntos em pauta destacaram-se a fiscalização, a regularização fundiária e a eleição para a nova diretoria da Amurmam. O Instituto Mamirauá, apoiador da gestão da reserva, apresentou um balanço da sua atuação na unidade de conservação, correspondente ao período de 1990 até 2011.

Durante o balanço, a coordenadora do Programa de Gestão Comunitária do Instituto Mamirauá, Marluce Mendonça, falou da missão da instituição, dos investimentos em pesquisas e da implementação de tecnologias sustentáveis. “Um dos resultados dessa atuação é a geração de renda para as comunidades, que tornaram-se importantes aliados da conservação dos recursos naturais”, afirmou Marluce.

Desde 1999, quando teve início o manejo de pesca nas reservas, mais de 7 milhões de reais foram gerados

com a comercialização de peixe manejado, beneficiando cerca de 500 pescadores anualmente. O faturamento total, com as atividades de turismo de base comunitária, já ultrapassam o montante de 1 milhão de reais.

No último dia, a chapa Floresta Viva foi escolhida para gerir a Amurmam nos próximos dois anos de mandato, sob o comando de Alcione Rodrigues que afirmou: “A nova gestão irá continuar os trabalhos da diretoria anterior, e iniciar o que foi parado, atendendo as demandas dos setores de acordo com os recursos disponíveis”.

Outras instituições como o Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM), o Centro Estadual de Unidade de Conservação do Amazonas (CEUC) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) também estiveram representados na assembleia.



Mais Informações em
www.mamiraua.org.br/sap



Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação





Aconteceu

Capacitação - Entre os dias 27 de fevereiro e 1º de março, o Programa Qualidade de Vida, do Instituto Mamirauá, promoveu uma capacitação para os professores que utilizam a cartilha "Peixes da Amazônia", produzida pela Sociedade Civil Mamirauá, com patrocínio da ExxonMobil. A capacitação ocorreu durante o planejamento pedagógico do município e foi conduzida pela bióloga Elizabeth Gama, que também coordenou a produção das cartilhas.

Seminário de Avaliação – Bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Sênior do Instituto Mamirauá apresentaram relatórios parciais durante o seminário de avaliação que ocorreu entre os dias 27 e 28 de fevereiro, em Tefé (AM). Foram 13 trabalhos apresentados que envolvem pesquisas das áreas sociais, biológicas e tecnológicas.

Na Biblioteca – Dia 1º de março, estudantes de Tefé (AM) participaram de uma atividade de conscientização ambiental e de incentivo à leitura realizada na Biblioteca Henry Walter Bates, do Instituto Mamirauá. Foi a primeira atividade do projeto que tem por objetivo incentivar alunos de escolas públicas a visitarem a biblioteca, promovendo o hábito da leitura entre os estudantes e a reflexão a respeito de temáticas ambientais, como a conservação da água e dos recursos da fauna e flora.



Experiência replicada – A Fundação Getúlio Vargas e a Prefeitura do Rio de Janeiro promoveram o II Seminário da Cidade do Rio de Janeiro sobre organizações sociais, no dia 13 de março. Helder Queiroz, diretor geral do Instituto Mamirauá, participou da oficina temática de meio ambiente e apresentou a experiência da instituição como organização social.

Negócio sustentável – 17 mulheres do bairro do Abial, comunidade ribeirinha do município de Tefé, receberam capacitação para produzirem bonecos de pelúcia de peixe-boi amazônico. Elas participaram de uma capacitação realizada pelo Instituto Mamirauá, por meio do projeto Conservação de Vertebrados Aquáticos Amazônicos (Aquavert) na sede do Clube de Mães de Tefé, entre os dias 25 e 30 de março. As participantes também receberam orientações sobre como obter renda com a produção dos bonecos.

Estudo busca alternativas para a conservação de botos amazônicos



Na região de Tefé, importante entreposto pesqueiro no noroeste do Amazonas, o projeto Conservação de Vertebrados Aquáticos Amazônicos (Aquavert), do Instituto Mamirauá, está desenvolvendo um estudo para avaliar a interação entre a atividade pesqueira no município e os botos.

Desde setembro do ano passado, a bióloga Iara Ramos faz monitoramento semanal em toda a área do lago Tefé (cerca de 60 km²), para resgatar carcaças de botos para a realização de necropsia. Em cinco meses, a pesquisadora confirmou a morte de dois botos, um tucuxi e um boto vermelho, por captura acidental em redes de pesca, e uma morte por agressão de um boto tucuxi, que apresentava traumatismo craniano.

A bióloga realiza entrevistas com os pescadores, para avaliar quais as percepções desses profissionais sobre os botos. “Em geral, os pescadores encaram o boto como um competidor pelo recurso pesqueiro. O fato de os botos tirarem o peixe e danificarem a rede traz prejuízos aos pescadores, motivando as agressões aos animais”, diz a bióloga. O projeto Aquavert é desenvolvido pelo Instituto Mamirauá, com o patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Ambiental.



A palavra é...



Foto: Marco Lopes

Educador. Atualmente, dezenas de conceitos definem a essência de um educador. Mas um profissional que trabalha para mudar práticas e atitudes, como o educador ambiental, a principal metodologia continua sendo o exemplo. Então, não é só estimular a prática nos outros, mas primeiramente em si mesmo.

Nas reservas Mamirauá e Amanã, o trabalho do educador ambiental vai além da apresentação de conceitos ou da realização de dinâmicas lúdicas. É fundamental aproximar-se do público atendido, mostrando outras possibilidades além daquelas que sempre foram praticadas e que se mostraram ineficientes ao longo do tempo, causando problemas e proibições atuais de uso de recursos naturais.

A palavra para o educador ambiental é a sustentabilidade, quando ele irá vivenciar um modo diferente que permita o uso da natureza compatível com a atualidade e com as previsões para o futuro. Ele deve demonstrar como é um ecossistema equilibrado, um espaço onde o ser humano está inserido e intrinsecamente ligado a todos os seres, por isso, qualquer ação afeta a todos, inclusive quem as promove.

Todo educador tem a missão de extrapolar seu espaço e seu tempo, e levar os educandos a refletirem e torná-los multiplicadores de um novo agir, de um novo ser. Parece romântico! Mas não é possível ser educador se não for movido pela esperança em um novo mundo. O discurso do educador deve ser ecossistêmico, isto é, levando em conta todas as relações, sejam sociais ou biológicas. Assim é possível elaborar projetos educacionais e ambientais que contemplem todos, sem exclusões. Assim deve ser o educador: responsável, coerente, atento e movido de esperança. Fica a dica para todos nós!

Sandro Augusto Regatieri
Educador Ambiental, Programa de Gestão
Comunitária Instituto Mamirauá



Foto: Eunice Venturi

A pesquisadora Auristela Conserva, no Laboratório de Sementes do Instituto Mamirauá, durante a análise de espécies florestais.

Pesquisa sobre germinação pode auxiliar na sustentabilidade das atividades de manejo de árvores da várzea

Pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Ecologia Florestal, do Instituto Mamirauá, concluíram a análise de cerca de 20 mil sementes de espécies de árvores das florestas de várzea, como parte integrante do estudo “Germinação de Sementes, Emergência e Recrutamento de Plântulas”, financiado pelo Programa Jovens Doutores Amazônidas (JDA), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam).

De acordo com a bióloga e doutora Auristela Conserva, as informações analisadas podem auxiliar nas atividades de manejo realizado na Reserva Mamirauá e contribuir para o entendimento da dinâmica das florestas de várzea, que apresentou uma redução de 70% do número de árvores exploradas no período de 1993 a 2000.

Desde 2010, a pesquisa busca identificar características relacionadas ao comportamento de sementes da várzea, como velocidade, frequências de germinação, tipos morfológicos e padrões da fase jovem dos vegetais estudados, denominada como plântula.

No total, oito espécies foram estudadas, entre elas o assacu (*Hura crepitans*), utilizado como boia para flutuantes, o mulateiro (*Calycophyllum spruceanum*) e a Piranheira (*Piranhea trifoliata*), ambas empregadas na construção civil. Além da utilidade para o manejo praticado na Reserva Mamirauá, os dados sobre germinação estão próximos de se transformar em um protocolo, no caso do mulateiro, a ser oficializado pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), conhecido como Regras para Análises de Sementes.

O estudo para o protocolo, realizado pela Universidade Federal de Uberlândia, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em parceria com Instituto Mamirauá oferece subsídios para a fiscalização do comércio de sementes florestais, que é ainda pouco praticado no Brasil.



Manejadores de peixes ornamentais avaliam atividade na Reserva Amanã



O peixe acará-disco é a espécie comercializada atualmente.

Manejadores de peixes ornamentais da Reserva Amanã reuniram-se dia 23 de março, na comunidade Monte Sinai, município de Maraã (AM), para o encontro anual que avalia a atividade de manejo. Sete, dos doze manejadores, analisaram alguns aspectos da produção, como o melhor momento para coleta do acará-disco, e o uso de materiais reutilizáveis na construção dos viveiros.

Segundo Gabriela Carvalho, pesquisadora do Programa de Manejo de Pesca do Instituto Mamirauá, que assessora o Grupo de Manejadores de Peixes Ornamentais de Amanã, as experiências dos anos anteriores mostraram que o melhor momento para a coleta é entre os meses de setembro e outubro, antes do primeiro “repiquete” (um fenômeno natural que ocorre durante a seca, quando as águas dos rios sobem e depois tornam a descer). Neste momento, o nível d’água ainda não é muito baixo, o que faz com que os peixes ainda sejam encontrados em abundância nas galhadas artificiais construídas pelo grupo.

Além disso, os produtores irão substituir pelo menos parte das boias de madeira, utilizadas para flutuação dos viveiros que armazenam os peixes após a coleta, por bases que serão confeccionadas com garrafas pet. Os manejadores irão promover uma arrecadação de garrafas nas comunidades do entorno do Lago Amanã,

onde a atividade é realizada.

As atividades que deram suporte ao manejo de peixes ornamentais na Reserva Amanã tiveram início em 2005. Já em 2008 foi realizada a primeira pesca, ainda em caráter experimental. Regiões do estado do Amazonas, que adotam uma prática desordenada, comercializam o acará-disco por um valor médio de dois reais. “O preço dos discos da Reserva Amanã varia entre 4 e 40 reais, dependendo do padrão de qualidade do peixe, que envolve a coloração das escamas, estado das nadadeiras e cor dos olhos”, afirmou a pesquisadora.

Expediente - O Macaqueiro é uma publicação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, organização social e unidade de pesquisa fomentada e supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Distribuição gratuita. Conselho Editorial: Ana Cláudia Torres, Angela May Steward, Augusto Rodrigues, Armando Athos, Dávila Corrêa, Elenice Assis, Eunice Venturi, Francisco M. de Freitas Jr., Fernanda Sá, Helder Queiroz, Isabel Sousa, João Valsecchi, Joycimara Sousa, Josivaldo Modesto, Maurilandi Gualberto, Marco Lopes, Marluce Mendonça, Nelissa Peralta, Nizete Campelo, Paulo Roberto e Souza e Selma Freitas. Jornalista responsável: Eunice Venturi (SCo1964-JP). Textos: Augusto Rodrigues (p.2), Eunice Venturi (p. 2 e 4), Paula Costa (capa e p. 3). Diagramação: Lucas Monteiro. Impressão: Gráfica Ampla. Tiragem: 1.300 exemplares. Contatos: Estrada do Bexiga, 2.584 Cx. Postal 38 – 69470-000 Tefé (AM) ascom@mamiraua.org.br – www.mamiraua.org.br; tel.+55 (97) 3343-4672, Ramal 278.

